

Sena e Mutarara, zonas de guerra**A cruel realidade do povo flagelado**

por Teresa Sá Nogueira (texto) e Paul Fauvet (fotos)

Caia, na província de Tete, é uma das zonas mais afectadas pelas calamidades. No posto de Sena, cerca de 2 500 pessoas, que tudo perderam na guerra, esperam diariamente o avião da CENE que lhes traz alimentos.

Frete a Sena fica Mutarara. Entre ambas, a ponte sobre o Zambeze, que o inimigo destruiu em Novembro. Era a maior ponte de Moçambique. A margem norte do Zambéze ficou isolada.

Sena e Mutarara estiveram ocupadas pelos bandidos armados, de Setembro a Fevereiro. As forças conjuntas de Moçambique e do Zimbábwe retomaram-nas então. Mas a toda a volta das duas localidades é ainda zona de guerra.

E só agora a população começa a regressar.

OS MENINOS DA GUERRA

Escondidos no mato ou refugiadas no Malawi, as pessoas iam-se esforçando por sobreviver. A luta pela existência, ali, é um problema de todos os dias. Os mais fracos tombam pelo caminho.

Começaram a chegar a Sena em grupos de seis, que passaram a dez e agora são vinte. A fome obriga-os a vir. Chegam nus, ou vestidos de sacos, doentes, destruídos por dentro e por fora. Chegam e sentam-se na pista, à espera do avião de Tete que lhes traz comida. Ajudam na descarga, aqueles que têm força. Os sacos são recolhidos ao armazém, depois distribuídos. Metade para Sena, metade para Mutarara. Farinha e peixe seco, por vezes sal. Ali, sal é mercadoria rara e preciosa.

Em Caia não há médicos, não há enfermeiros, não há medicamentos. Sobrevivem os mais fortes. As crianças que aguentam — e não são muitas — ficam com uma espécie de resistência que lhes vai durar a vida inteira. Mas ficam também com marcas e deformações de que jamais se conseguirão libertar.

O administrador de Caia diz que vai começar agora a distribuir terra, para ser cultivada. Mas faltam-lhe enxadas, catanas, sementes. As que recebeu do Programa Mundial de Alimentação não dão para nada. Faltam-lhe também panelas e baldes. Faltam-lhe mantas e roupa. Faltam-lhe professores, para ensinar os meninos que desaprenderam de brincar.

Por ali, na zona de calamidades, nessa e nas demais zonas, as crianças sabem o significado da fome, da guerra, do medo.

Sabem que as balas matam.

Sena é hoje uma localidade arrasada. Soldados atravessam as ruas onde ninguém passeia. No bazar, há metralhadoras em cima das bancas, em vez de comida. A guerra está a oito quilómetros, às vezes mais perto. E o inimigo costuma atacar de madrugada.

Como aconteceu no dia 8 do mês de Julho.

O POSTO MEDICO

José Inácio Dinga é servente no posto médico de Sena. Um posto instalado numa casa em ruínas, com duas cadeiras partidas numa sala, a servir de consultório. Fogão, geleira, remédios instrumentos, não há. Os armários têm poeira e um monte de embalagens vazias de penicilina. Seringa não vimos.

Ali existe apenas a experiência e a boa vontade de Inácio Dinga, que apesar de ter perdido a mulher e dois filhos às mãos dos bandidos armados, continua a cumprir diariamente a sua tarefa de responsável do posto médico de Sena.

Eu já tinha experiência de servente de hospital — conta ele, meio embaraçado — Mas isto aqui é pior. Aqui todo o dia chega gente fugida dos bandidos armados. Fome. Vêm esfarrapados do mato, aos 12, aos 13, aos 20, cheios de doenças. E não há remédios, só cloroquina, que chegou de Tete, e aspirina. E as doenças que trazem são gonorreia, são doenças venéreas deixadas pelos bandidos. Há muita sarna, feridas abertas, úlceras, diarreia. Pode dar aspirina? Não pode. Ainda temos dois litros de remédio que deixaram os soldados zimbabwianos, depois acaba, não sei.

José Inácio Dinga perdeu dois filhos em Mutarara, em Fevereiro quando os bandidos atacaram aquela localidade. Um de 15 anos, o outro de 2. Desaparceram, não sei onde estão, se fugirem ou os mataram — diz, resignado.

Quanto à sua mulher, viu-a morrer à porta de casa, numa madrugada do princípio deste mês.

Dia 8 de Julho eles apareceram às 3 da manhã e dispararam muito para aqui. As tropas do Zimbábwe, que nos guardam, não responderam sobre eles, porque iam arrasar a aldeia e matar toda a população. Minha esposa saiu de casa, tentava fugir. Deram dois tiros, ela morreu. Fiquei sozinho com minha filha, tem 16 meses. Estou sozinho a tomar conta da menina.

A PONTE

(Entre Sena e Mutarara fica a ponte sobre o Zambeze, que tem

seis quilómetros de comprimento.) Foi destruída por sapadores sul-africanos, em Novembro último. Naquela altura todos puderam ver por ali brancos a colocar minas. Um trabalho feito cientificamente, de forma a isolar completamente a margem norte do rio. Dois tabuleiros caídos na água, a estrutura afundada, os pilares intactos. Cortou-se a possibilidade de escoamento do carvão de Moatize, do abastecimento à zona de Mutarara, onde agora só se vai de canoa.

A travessia da ponte é manobra arriscada. Há ferros torcidos, calhas soltas, desníveis, chapas ferrugentas, tábuas suspensas sobre as águas do Zambeze. Os soldados atravessam-na em 40 minutos. A informação moçambicana levou uma hora e vinte.

Do outro lado, fica Mutarara, também zona de guerra.

Segundo o engenheiro Hector Martins, que projectou a maioria das estradas de asfalto de Tete antes da Independência, a destruição da ponte foi feita por peritos em sabotagem, de modo a torná-la irreparável. Agora só outra, por cima daquela — diz.

A pista de aterragem de Mutarara foi também arrasada por mãos de mestre: o corte da placa foi feito por barras transversais, de dez em dez metros. Nenhum avião ali poderá aterrar tão cedo.

ISOLAMENTO

A margem norte do Zambeze ficou isolada. O comboio que a ligava ao Malawi parou há dois anos. A sua última viagem foi histórica: os 80 quilómetros de caminho demoraram seis dias na ida e 10 para a volta, com ataques de bandidos a cada esquina. Ismael Vuvo, do INC, realizou um filme dessa viagem, que se chamou «O comboio da vida».

Agora o carvão sai de Moatize para o Malawi, em camiões. Só se escoam algumas toneladas. O resto fica.

Em Moatize há, neste momento, dois centros de deslocados: o de Estima e o de Benga. Ou, antes, havia. Porque o de Benga já não existe mais, foi atacado no mês passado. Não sobrou ninguém.

Quantos morreram por lá? — o engenheiro Martins encolhe os ombros — Vai aprender que aqui ninguém sabe números, cada um tem o seu. As informações também nunca coincidem e a situação altera-se todos os dias. No mês antepassado os bandidos ficaram em Magoé três dias. Iamos ao Songe de carro, sem problemas, agora já não podemos passar. Dizem que apareceu por lá um branco fardado. Esta

zona é assim, é guerra, é seca, é mais guerra.

Guerra e seca que recaem na população, sempre em movimento. São milhões de moçambicanos neste momento afectados pela fome e pela seca, que se não conseguem fixar à terra o tempo suficiente para que ela produza.

Refugiados no Malawi, segundo a sua agência noticiosa, são 280 000 pessoas, provenientes de Tete e do Niassa. Quantos não andarão ainda pelos caminhos do mato? E são esses ainda os que estão em piores circunstâncias: porque as zonas de mais fome são aquelas onde se não vai, os distritos a que se não tem acesso.

MUTARARA

Mutarara foi retomada em Fevereiro. Segundo informações colhidas em Tete, só há três semanas se consegue lá ir. Tal como Sena, é uma localidade em ruínas.

A ponte, a estação e as casas são também guardadas pelas nossas Forças Armadas e pelas forças do Zimbábue. A uma hora de caminho da ponte estão os desalojados, numa situação que dizem ser ainda pior que a de Sena.

Era demasiado tarde, o aeroporto de Tete encerra às 5 horas, não houve tempo de visitá-los.

O administrador de Mutarara não estava, tinha viajado para resolver problemas de abastecimento.

A cinco quilómetros dali não se passa, é zona de guerra. O respon-

sável da segurança conta que ainda no final do mês antepassado, por ali foram vistos quatro jornalistas sul-africanos, a fazerem perguntas, fingindo pertencer à nossa Informação. Entraram pelo Malawi, dirigiram-se à Base Central de Cumbura, onde estão os bandidos armados, saíram outra vez pelo Malawi.

Nessa base, contou, os bandidos obrigam a população a pagar imposto diário em farinha, apesar de saberem que ninguém tem o suficiente para viver.

O ASSALTO

O Banco de Moçambique tem uma filial em Mutarara. Ou, antes, tinha. Agora só sobraram as paredes. Todo o recheio foi saqueado.

— **Forçaram a população a fazer uma ponte com os braços** — conta o responsável da segurança — **para retirar dinheiro e mercadoria para a base. Tiravam as crianças pequenas das costas das mães e jogavam no mato. Ficaram três dias a carregar coisas.**

Nessa altura, disse, morreu muita gente. Quanta, não sabe ao certo. Foram muitos. Homens, mulheres e crianças pequenas.

O inimigo não conhece piedade.

A Companhia do Algodão foi destruída, só sobraram as máquinas onde ninguém mais trabalha.

— **As armas vêm da África do Sul e do Malawi** — informa ainda o responsável da segurança — **Ou então são as nossas, que eles roubam quando conseguem matar-nos. Matam muita gente, esses bandidos. Se vocês quiserem andar, vou mostrar-vos um lugar onde ainda se vêem os ossos das pessoas que eles mataram.**

Não pudemos ir, desta vez. Era preciso atravessar a ponte de regresso, quase duas horas de marcha. Mas havemos de voltar.

Na pista de Sena havia mais sacos e havia mais gente. A ponte aérea continuava. Chegavam donativos vindos de pontos distantes do mundo.

Ali em Caia, zona de calamidades, o dia continua suspenso daqueles aviões que lhes levam a solidariedade de povos irmãos, em países de que nunca ouviram falar.

E um dia hão-de chegar também as enxadas, as catanas e as sementes, para que o povo de Sena e de Mutarara possa aprender a reconstruir a sua vida com as suas próprias mãos e o esforço de seu trabalho.



Banco de Moçambique: as paredes ficaram. O dinheiro foi levado pelos bandidos.